TL 1880-5

2º CURSO DE INTRODUÇÃO À INDONÉSIA E

TIMOR LESTE

(componente nacional)

(Edição provisória)

3ª LIÇÃO

1ª Parte

HISTÓRIA

A EXPANSÃO ISLÂMICA E A PRESENÇA PORTUGUESA NA "INDONÉSIA!

PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE A DOMINAÇÃO PORTUGUESA E A HOLANDESA NA INSULINDIA

A COMPANHIA DAS INDIAS ORIENTAIS HOLANDESA, SEU APOGEU E DECLINIO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA: 1994.11.21

UNIVERSIDADE DO PORTO: 1994.1.23

UNIVERSIDADE DE LISBOA: 1994.11.26

A. BARBEDO DE MAGALHÃES

Professor Catedrático , Universidade do Porto

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS JORNADAS DE TIMOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

FEUP - Rua dos Bragas - 4099 Porto Codex

Fax: 351 - 2 - 200 21 48 Tel.: 351 - 2 - 204 17 10 / 204 17 56

3.1.- A EXPANSÃO ISLÂMICA, E A PRESENÇA PORTUGUESA NA "INDONESIA"

3.1.1.- A expansão islâmica

Já vimos, no ponto 2.1, que a expansão portuguesa é, em grande parte, uma resposta do mundo cristão à expansão muçulmana - Árabe, primeiro, e Otomana, depois - que não só controlava o comércio da Europa com o Oriente mas também, em certa medida, a estrangulava ou, no mínimo, a fazia sentir-se ameaçada e tolhida.

Enquanto o Infante D. Henrique lançava a *"empresa"* dos descobrimentos, o islamismo começava a instalar-se e a expandir-se na Insulindia, e nomeadamente nas principais ilhas que compõem o arquipélago indonésio.

Embora já no século VII, nos tempos do 3º Califa, Uthman (644 a 656), tenham começado a chegar à corte chinesa alguns emissários árabes muçulmanos, só no século XV é que o islamismo se começa, de facto, a propagar pelas ilhas da Indonésia.

A primeira pedra tumular com uma inscrição muçulmana que se encontrou no arquipélago, (em Leran, Java Oriental), data de 1082. Mas provavelmente será de uma mulher estrangeira.

A partir do Século XII são assinalados missionários árabes muçulmanos no norte de Sumatra. Mas os primeiros documentos que nos chegaram com notícias de populações islamizadas no arquipélago, são de Marco Polo, de 1292, e referem a existência, em Sumatra, de uma cidade islamizada, Samudra, ao lado da qual haveria duas outras não islamizadas.

É de 1297 o túmulo do 1º Sultão de Samudra, no norte de Sumatra. Um viajante marroquino (Ibn Battuta) passou por lá (1345-1346) e confirma que existia um sultão e que este seguia a escola Shafi ou Sufista do islão.

No século XIV terá havido pessoas ou comunidades islamizadas, muitas vezes em reinos predominantemente hindo-budistas ou até animistas, não só em Sumatra mas no Brunei (costa norte da ilha de Borneu (ou Kalimantan)) e na ilha de Java.

É no início do século XV que um príncipe, provavelmente sumatrense, funda na península da Malásia a cidade de Malaca. Em 1409 o rei desta cidade-estado torna-se muçulmano e rápidamente Malaca - com a protecção do imperador Chinês - transforma-se não só num local priveligiado de passagem de mercadores muçulmanos, árabes, indianos e chineses, mas também num polo de expansão do islão.

Em 1416 a população de Atjeh (ou Acheh), no norte da ilha de Sumatra, estará islamizada, juntamente com o seu rei, que dá origem a uma dinastia de sultões que só acabará meio milénio mais tarde, em 1903.

No início do século XV (1400) a ilha de Java recebe missionários árabes e persas. Cerca de 1450 a corte do rei de Madjapahit converte-se ao islamismo.

No início do século XVI Sumatra está em grande parte islamizada. O sultanato de Demak, na ilha de Java, torna-se um centro de propagação da fé em Allah, nomeadamente através do teatro!. Em 1475 o Islamismo começa a penetrar nas Filipinas. Nos finais do século XV é a vez do rei do sul de Kalimantan se converter à nova religião, o mesmo acontecendo, em 1495, ao rei de Ternate, nas Molucas. Em 1526 os reis de Bantem e de Jakarta, na ilha de Java, também se convertem, enquanto no interior destas e doutras ilhas grande parte das populações permanece animista. A partir de meados do século XVI o islamismo expande-se com maior rapidez, quer na ilha de Java, quer noutras ilhas do arquipélago.

3.1.2. - A chegada dos europeus não impede a continuação da expansão do islamismo e, até 1620, pouco afecta a vida nas ilhas

Em 1509 chega a Malaca Diogo Lopes Sequeira, encarregue pelo Rei de Portugal de o representar e de estabelecer boas relações com o Sultão Mahmud Syah (1488-1528). este começa por receber bem o primeiro embaixador de Portugal, mas, pressionado por mercadores muçulmanos que conheciam já os prejuízos para o seu comércio, da presença portuguesa na Índia, acaba por prender e matar alguns dos seus homens, e tenta apoderar-se dos quatro navios portugueses ancorados no porto de Malaca.

Em Abril de 1511 Afonso de Albuquerque parte de Goa com uma frota de cerca de 18 barcos com 1200 homens e, ao fim de alguns meses, conquista Malaca. Um junco chinês participou no assalto. Talvez porque alguns mercadores chineses vissem nos portugueses uns aliados para diminuir o predomínio muçulmano no comércio marítimo internacional. Dois anos mais tarde o Sultão de Malaca, que fugira, funda a cidade de Johore, no extremo sul da península da Malásia.

Uma vez senhor de Malaca, o Rei de Portugal tentou impôr o seu monopólio sobre o comércio das especiarias do Extremo Oriente. Mas a falta de forças e até, também, a própria corrupção de alguns governadores portugueses de Malaca, que chegavam a comerciar no porto malaio de Johor, onde os preços eram mais baixos, fizeram com que o controlo monopolista do comércio das especiarias nunca fosse total. Mas o sistema asiático de comércio marítimo, que se desenvolvera desde o início da era cristã, quer de especiarias quer de outros produtos sofreu um rude golpe. Quanto mais não fosse pela destruição de numerosas frotas e navios.

Esta terá sido a principal consequência da presença portuguesa na região. Porque, apesar do cristianismo começar a expandir-se na Insulíndia, e apesar do português se tornar a língua franca nos principais portos da região, a presença portuguesa era demasiado reduzida para poder ter um impacto significativo nas populações. O próprio comércio marítimo nunca esteve completamente sob controlo português, como já dissemos.

3.1.3. - A competição entre Portugal, Espanha, Holanda e outras potências europeias

Desde que, em 1511, Afonso de Albuquerque conquistara Malaca, e depois de em 1513 alguns barcos portugueses, armados de canhões, terem destruído uma importante frota do sultanato de Atjeh, fixaram-se mercadores portugueses em portos das costas de Sumatra e de Java, e nas ilhas Molucas.

Só quando o Imperador Carlos V de Espanha enviou Fernão de Magalhães em demanda das Ilhas das Especiarias pelo Ocidente, é que D. Manuel I deu ordens para que seguisse uma esquadra da Índia para Ternate, para aí edificar uma fortaleza e evitar que os espanhois se assenhoreassem das Molucas.

Á chegada a Ternate em 1522, o Comandante da esquadra, António de Brito, soube que os dois navios sobrevientes da frota de Magalhães estavam junto da ilha vizinha de Tidore, para onde rapidamente partiu. Conseguiu capturar o Trinidad. Mas a nau Victória escapou e conseguiu chegar a Espanha, para grande tristeza do Rei D. João III que, entretanto, sucedera a D. Manuel I.

Segundo B. Vlekke (Nusantara, a history of Indonesia) quer o Sultão de Ternate, quer o Rei da ilha vizinha de Tidore terão convidado António Brito a erguer uma fortificação e a estabelecer o *"quartel general"* de Portugal nas Molucas nas suas respectivas ilhas. A aliança com Portugal, ainda que correspondesse a uma teórica vassalagem ao Rei de Portugal, permitir-lhes-ia

ganhar um aliado bem armado e vender em melhores condições as especiarias produzidas nas ilhas. A opção portuguesa recaíu sobre Ternate, apesar desta ilha ser governada por um sultão muçulmano, cujo domínio, mais ou menos efectivo, se estendia a muitas outras ilhas, (chegou a abranger mais de setenta ilhas) grande parte das quais muito maiores do que a de Ternate.

Alguns anos mais tarde (1526) os espanhois conseguem obter o apoio do sultão da vizinha ilha de Tidore. Durante algum tempo torna-se difícil distinguir as guerras entre Ternate e Tidore dos conflitos entre Portugal e Espanha ou entre portugueses e espanhois das Ilhas das Especiarias.

Segundo George Winius, na década iniciada em 1520 os portugueses tinham no arquipélago apenas um forte, em Ternate, e mais três feitorias, uma em Amboína (Molucas do Sul) e duas nas Ilhas de Banda (uma em Lontar e outra em Neira). A Feitoria de Amboina terá sido edificada (segundo G. Winius também) a pedido das populações locais que veriam nos portugueses uma protecção contra inimigos mais próximos.

Entretanto os cercos e as guerras conduzidas pelos sultanatos de Atjeh (no norte de Sumatra), de Johore (na ponta sul da península da Malásia) e também de Demak (na costa norte da região central da ilha de Java) contra as forças portuguesas, estacionadas em Malaca ou a patrulhar os mares, embora não levassem à queda de Malaca, enfraqueciam o poderio português e evitavam que novas feitorias ou fortalezas fossem construídas. Só em 1561 é que, finalmente, uma frágil fortificação foi construída em Solor, pelos dominicanos portugueses, que depois passaram a sede para Larantuca, no extremo oriental da Ilha das Flores e, depois, para Lifau e, finalmente, já no século XVIII, para Dili.

Nas Molucas e nas Ilhas de Banda, a presença portuguesa, inicialmente desejada, frequentemente se tornou indesejável, mercê de abusos frequentes dos capitães lusíadas. Curiosamente, depois da capitulação de Ternate em 1574, face às forças do Sultão Babullah, em 1576 o Sultão de Tidore disponibilizou a sua ilha para os portugueses aí edificaram uma fortificação. Mas, quando os holandeses chegaram à região, muitos naturais desejavam ver-se livres dos capitães e governadores portugueses, que muitas vezes iam para as Molucas deportados devido ao seu mau carácter e aos problemas entretanto por sí criados em Goa.

Aliás não só o Sultão de Ternate, mas outros reis da região tendiam a acolher bem novos comerciantes e marinheiros de outras nações europeias, porque a diversificação das trocas comerciais deixava-os mais livres para fixar os preços e para impôr as regras que lhes garantiam maior liberdade.

Por isso até o corsário inglês Sir Francis Drake foi bem recebido nas Molucas, nos finais do século XVI. Mas já os actos de pirataria, do corsário James Lencaster, no estreito de Malaca, levou ao descrédito dos britânicos, permitindo aos portugueses de Malaca readquirir uma melhor reputação (Vlekke, Nusantara ...).

3.2. - PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE A DOMINAÇÃO PORTUGUESA E A HOLANDESA NA INSULINDIA

3.2.1. - O Capitalismo de Estado, português

A expansão portuguesa no Mundo, no século XV, e a presença portuguesa no Oriente nos séculos XVI e XVII tendo motivações religiosas, políticas e comerciais, foi possivel graças a um capitalismo do estado, controlado pelo Rei de Portugal. De facto a empresa dos descobrimentos não foi um empreendimento privado, autorizado pelo Rei, mas uma iniciativa do próprio Rei de Portugal. O mesmo não se passou com a vizinha Espanha, cuja Rainha autorizou Colombo a procurar o caminho da India pelo Ocidente, apoiou a iniciativa, depois de muita insistência do próprio Cristovão Colombo, mas não a assumiu como sua nem a financiou como tal.

Feitas as descobertas, os feitores comerciavam ao serviço do Rei de Portugal. E o Governo, na India como noutras partes do vasto império, era um governo de nomeação real com forte componente militar e religiosa, que actuava política e comercialmente em nome do Rei e sob sua direcção suprema (G. Winius, Foundations of the Portuguese Empire).

Segundo Boxer, durante os séculos XVI e XVII nunca houve, em momento algum, mais de seis a sete mil militares portugueses em todo o Oriente. Se se considerarem mais alguns milhares de sacerdotes, frades e comerciantes europeus e mestiços luso-tropicalenses que viviam como portugueses europeus, isso dará cerca de 12 000 a 14 000 portugueses dispersos por uma vastíssima região desde Moçambique até Macau (G. Winius, p. 322).

Por isso, apesar da centralização do poder, do regime militar de governo, do zelo religiosos de alguns, e do prestígio de *"invencíceis"* que depressa os portugueses grangearam, o Império Português do Oriente começou a decair menos de um século depois da sua criação. A expulsão dos portugueses de Ternate, em 1574 foi um primeiro golpe. A dominação de Portugal pelos Reis de Espanha, de 1580 a 1640, foi outro. E a queda de Malaca, conquiatada pelos holandeses, em 1641, foi uma tremenda derrota.

A partir do século XVII são os holandeses quem, a pouco e pouco, toma a primazia na influência europeia na Insulíndia e no controlo do comércio do Extremo Oriente.

3.2.2. - As Companhias das Indias, holandesa e inglesa

Se o monopólio real tinha permitido a Portugal desenvolver, durante mais de um século o empreendimento dos Descobrimentos, esse mesmo monopólio real, apoiado por uma política de estrangulamento do pensamento e da iniciativa privada, através da Inquisição, impediu o desenvolvimento económico das colónias. Faltaram os capitais e as iniciativas privadas. Os subsídios e apoios concedidos à Igreja, se contribuiram para a expansão cristã, não conduziram ao desenvolvimento económico. Os governadores e administradores coloniais, mais preocupados em servir os interesses do estado e do Rei, não se preocupavam muito com a rentabilidade das suas políticas.

Muitos eram colocados em postos de responsabilidade pela sua origem *"fidalga"*, e não pela sua competência. E muitos outros eram enviados da *"metrópole"* para o Oriente devido ao seu mau carácter ou como castigo por crimes cometidos.

Se o catolicismo de certo modo favorecia e justificava o capitalismo de estado e o carácter missionário que Portugal e Espanha imprimiram aos seus impérios, o protesttantismo que a Holanda e a Inglaterra adoptaram, no século XVI, justificava e favorecia o capitalismo privado, o êxito pessoal em empresas prósperas e uma religiosidade mais individualista e menos missionária.

Por isso foi por iniciativa de grupos de mercadores de algumas cidades dos *"Países Baixos"* que, em finais do século XVI (1596) chegaram ao Extremo Oriente os primeiros barcos holandeses. Dois anos antes (1594) o Rei Filipe II de Espanha e I de Portugal, que estava em guerra contra diversas cidades holandesas que lutavam pela sua libertação do controlo espanhol, fechara o porto de Lisboa aos navios prevenientes dessas cidades hanseáticas.

Mas os riscos das expedições eram muito grandes. O afundamento de alguns navios podia significar a banca rota de toda uma cidade.

A fim de diminuir os riscos, foi criada, em 1602, a Companhia Unida da Índia Oriental - Vereenigde Oostindische Compagnie ou V.O.C. - uma espécie de corporação que reunia fundos de muitos mercadores de várias ciadades dos Países Baixos. O capital inicial desta companhia, seis milhões e meio de florins, era fabulosos para a época.

Nos seus três primeiros anos de existência a Companhia enviou trinta e oito barcos bem armados e equipados ao Extremo Oriente (L. Williams, Southeastasia, a History).

A V.O.C., dirigida por dezassete homens de negócios, que eram os seus directores, tinha claramente como objectivo o lucro. E, embora se tratasse de uma empresa privada, o governo republicano dos Países Baixos outogara-lhe uma carta que lhe conferia poderes de um estado soberano com mandato colonial, com possibilidade de *"estabelecer contratos com os habitantes naturais do país em nome das Suas Altas Potências, e ter tropas e oficiais de justiça para aí manter a ordem e a justiça"*.

Liberta dos jogos palacianos que o monopólio real implicava, e dos pruridos da nobreza, na selecção dos comandantes dos navios, e sem as preocupações missionárias dos países ibéricos, a V.O.C. veio dar outra dinâmica à presença europeia na Insulíndia.

Os riscos das viagens continuavam a ser elevados, já que, em média, um quarto da tripulação morria, em cada viagem, mais vítima de doenças tropicais do que afogada na sequência de tempestades, de guerras ou de lutas com piratas ou corsários. Mas os lucros de cada viagem podiam ser várias vezes superiores ao investimento feito nela. Os rendimentos dos capitais investidos tornavam-se, assim, altíssimos, e recuperáveis a curto prazo.

Uma vez que os queijos holandeses não eram propriamente um bom produto de exportação para terras tão longínquas e quentes, e que a Holanda não dispunha de ouro nem prata das Américas para trocar por especiarias, os barcos partiam de Amsterdam ou de Roterdam carregados de cutelarias, panos, vidros, armas e até brinquedos, a maior parte dos quais fabricados nas ciadades alemãs. Mas, no próprio Extremo Oriente os navios holandeses levavam, por exemplo, especiarias e prata para o norte da China, produtos chineses para o Japão e prata ou cobre japoneses para as Indias Orientais.

A Companhia das Indias Orientais holandesa foi criada cerca de dois anos depois da East India Company inglesa (31 de dezembro de 1600). Mas a Inglaterra nessa altura era um país de camponeses. Apesar dos seus cerca de seis milhões de habitantes e da sua riqueza em carvão, a sua indústria, em geral, e do aço, em particular, ainda estava na sua primeira infância. A sua famosa lã também não era a mais indicada das mercadorias para comercializar nas zonas quentes do equador. E, com tudo isso, a companhia inglesa reuniu capitais cerca de dez vezes menores do que a holandesa.

3.3. - A COMPANHIA DAS INDIAS ORIENTAIS HOLANDESA, SEU APOGEU E DECLINIO

3.3.1. - A implantação da Companhia das Indias Orientais holandesa na "Indonésia"

Já atrás (2ª lição) referimos que, ainda antes de ser constituída a Companhia das Indias Orientais, ou V.O.C., os primeiros mercadores holandeses chegados à ilha de Java, tinham sido bem recebdios pelos mercadores portugueses. Também já dissemos que, em 1605, três anos depois de constituída a V.O.C., os holandeses conquistaram a feitoria portuguesa de Amboino, nas Molucas do Sul, e assenhorearam-se de Tidore nas Ilhas Molucas do norte.

Em 1613 conquistam o fortim de Solor, também aos portugueses, que perdem, reconquistam em 1617 e voltam a perder de novo.

Nestes ataques a fortins e feitorias portugueses contaram os holandeses com o apoio de populações autóctones, nomeadamente de reis islamizados ou de sultões. Ao fim de um século de presença e de relativo controlo português sobre os seus territórios e, sobretudo, sobre o seu comércio, os abusos por parte dos portugueses tinham-se tornado demasiado frequentes e, às vezes, brutais.

Tal como os portugueses tinham sido vistos, inicialmente, como potenciais aliados contra inimigos próximos, agora eram os holandeses que eram vistos como possíveis aliados contra inimigos comuns.

Embora em 1596 tivesse sido estabelecido um acordo entre os mercadores holandeses e as autoridades locais do porto de Bantam, em 1619, quando a sede da Companhia muda para as Indias Orientais, estabelece-se numa localidade próxima, Jakarta, reconstruída e rebatisada como Batávia.

Muitos comerciantes e artífices chineses, e também bastantes portugueses euro-asiáticos, instalaram-se em Batávia onde o português foi a língua franca até ao século XVIII, altura em que um dialecto malaio passou a predominar.

Em 1619 a Companhia das Indias Orientais holandesa estebelece um acordo com a sua equivalente britânica para a repartição dos direitos de comercialização das especiarias. Mas esse acordo dura pouco tempo. Com efeito, em 1623 os holandeses executaram, depois de bárbaras torturas, vinte e um dos trinta membros de companhia inglesa que asseguravam o controlo da feitoria de Amboina.

Depois de, em 1629, uma esquadra mista, constituída por portugueses e navios de dois estados de península da Malásia (Johor e Patani) terem destruído grande parte da frota do Sultão de Acheh, e de em 1641 os holandeses terem conquistado Malaca aos portugueses, o controlo do comércio das especiarias passou a estar, em grande parte, sob o controlo da V.O.C. Isto principalmente depois de, em 1667, terem substituído os espanhois em Tidore e depois de, em 1668, o Sultão de Macassar (com sede no sudoeste das Celebes). ter sido derrotado pelos holandeses.

Entretanto no interior da ilha de Java o Sultão Agung, de Mataram, desde a sua ascensão ao trono em 1613, tentava recriar um grande império javanês, à semelhança do de Madjapahit. Embora tenha conseguido conquistar a maior parte dos reinos da ilha de java, não conseguiu conquistar Batávia, que cercou em 1629. O poderio naval dos holandeses afundou os barcos que deveriam ir levando apoio logístico às tropas sitiantes que avançavam por terra, e que acabaram por bater em retirada.

3.3.2. - Apogeu e declinio da Companhia das Indias Orientais Holandesas (V.O.C.)

Controlando grande parte do comércio das especiarias, com uma boa base de apoio em Batávia, na ilha de Java, feitorias nas Molucas e outras bases noutras ilhas (incluindo Kupang, no Timor Ocidental), de posse da cidade de Malaca, então em declinio, a V.O.C. tinha alcançado uma confortável situação no dealbar do século XVIII.

A maior parte dos camponeses de Java e das outras ilhas do arquipélago continuava a viver a mesma vida de sempre, sujeito aos reis e senhores feudais da sua região.

Curiosamente, a principal influência da presença da Companhia das Indias Orientais no arquipélago foi, para muitos camponeses, uma crescente islamização.

Esta resultou da combinação de dois factores:

a) A aceleração do comércio causada pela instalação da V.O.C. na ilha de Java e noutras ilhas, que atraíu um número crescente - ainda que limitado pelas restrições monopolistas - de mercadores mulçumanos, nomeadamente do sul da Arábia, e também da China e da India.

b) Os progressos da navegação que encorajaram alguns autóctones mais ricos a ir em peregrinação a Meca, como recomenda o Corão.

No regresso, os *"haji"*, isto é, os peregrinos de Meca, estimulavam o interesse dos conterrâneos pela religião islâmica que, deste modo, ia ganhando novos adeptos.

Apesar de fervor cristão, protestante, de muitos holandeses, a Companhia das Indias Orientais não tinha por objectivo a missionação, mas simplesmente alcançar lucros.

Por isso, um dos campos em que a V.O.C. também apostou, foi na cultura do café, trazido da Arábia, e que se tornou uma bebida muito popular na Europa e nas Américas do Norte e do Sul.

A fim de assegurarem a defesa de Batávia, os holandeses, depois da derrota do Sultão de Mataram, trataram de assegurar o controlo sobre três reinos ou distritos vizinhos: - Cheribon e Preanger, além do pequeno reino de Bantam onde se situava a capital.

Usando os anteriores reis e notáveis locais como agentes da Companhia (a que chamavam *"regentes"*) atribuiram-lhes a missão de fazer cultivar o café, por forma a assegurarem o fornecimento à Companhia de quantidades pré-determinadas de café, cujos preços eram também fixados pela V.O.C.

Deste modo os colonisadores holandeses começaram a impôr a cultura forçada do café e a consequente participação de muitos camponeses de Java na produção para o mercado mundial, de acordo com a distribuição internacional do trabalho que convinha à Companhia.

A fim de dominar ou evitar grandes revoltas, a V.O.C. usava da intriga e de uma manhosa diplomacia, junto dos senhores locais, guerreando quando se afigurasse necessário para manter a fragmentação da ilha de Java em numerosos e fracos reinos.

Entretanto a população chinesa de Batávia crescia, com novos imigrantes, mas nem todos conseguiam emprego. Muitos holandeses começaram a temer uma revolta. Em 1740 a Companhia achou que era melhor levar parte desses artífices e comerciantes chineses para povoarem Ceilão e outros territórios sob sua administração. Sem os consultarem, os holandeses tentaram a deportação mas os chineses oposeram-se. E antes que a revolta chinesa estalasse, os holandeses decidiram massacrá-los, matando-os em grande número, ao mesmo

tempo que muitos outros fugiam em debandada.

O massacre de Batávia ao reduzir drasticamente o número de chineses da cidade sede da Companhia, provocou a estagnação do comércio e a falta de artífices. Muitos dos fugitivos foram convidados a regressar. Mas a dinâmica da Companhia estava afectada. Isso, aliado à corrupção crescente dos funcionários e até directores da Companhia levou-a a uma situação de tal modo deficitária que em 31 de Dezembro de 1799 a V.O.C. foi à falência, deixando uma dívida de 134 milhões de florins para o Estado Holandês.

A declaração de independência da América do Norte em 4 de Julho de 1776, a Revolução francesa, com a tomada da Bastilha, em 14 de Julho de 1789, as guerras revolucionárias e as conquistas napoleónicas ajudaram ao colapso definitivo da V.O.C. que, desde meados do século XVIII se encontrava já em declínio.

3.3.3 - Interregno inglês e nova colonização holandesa

Na sequência das guerras revolucionárias na Europa, e da anexação da Holanda pela França há um curto interregno em que os ingleses substituem os holandeses (de 1810 a 1816). As mudanças de poder são aproveitadas por reis e populações locais para se revoltarem (insurreição Diponegoro, de 1825). Mas as revoltas acabam por ser esmagadas e a potência colonial retoma o controlo, agora sob novas formas. A Companhia das Indias Orientais, já em declínio a partir de 1750, desaparece. É o Estado Holandês, agora directamente, o colonizador. E, para rentabilizar a colónia, expropria terras e impõe o trabalho forçado para o cultivo de plantas com interesse para a exportação, nomeadamente o café, o açucar e o chá, e ainda tabaco, canela, anil, nós moscada, cravinho, e outras. Este sistema de plantação forçada, é extinto entre 1863 e 1870, na sequência da extinção da escravatura, em 1860, (3) e do surgimento de novas correntes capitalistas mais modernas. A partir dessa altura, empresas capitalistas e colonos individuais podem estabelecer-se em Java e nas outras ilhas das Índias Orientais Holandesas. Grande parte das terras torna-se propriedade privada, quer de empresas, quer de colonos, quer mesmo de naturais, em detrimento da propriedade comunitária. Mas o número de trabalhadores rurais sem terras também cresce enormemente. Sem recursos, endividam-se junto dos chefes tradicionais, de colonos holandeses ou de comerciantes chineses.

Ao capitalismo agrário crescente, não corresponde qualquer industrialização (a não ser directamente ligada à produção agrícola), porque nisso os empresários industriais metropolitanos (holandeses) e os banqueiros estão de acordo: - a metrópole deve fabricar os produtos manufacturados, nas suas industrias, e

exportar para a colónia que, por sua vez, deverá fornecer açucar, café e outros produtos agrícolas a baixo preço. As únicas industrias existentes, até ao começo da II Guerra Mundial são, na prática, o batik (fabricação de panos artisticamente decorados e coloridos) e outras indústrias tradicionais.